

# TESTEMUNHO E MEMÓRIA

## A fragilidade da potência documental

Sonia Guggisberg (Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela  
Pontifícia Universidade Católica - SP)  
[soniaguggisberg@terra.com.br](mailto:soniaguggisberg@terra.com.br)

**RESUMO:** Este artigo se refere à potência da memória documental a partir do testemunho. A possibilidade de testemunhar é a única forma de fazer viver acontecimentos que não puderam ser vistos. A testemunha narra a partir de recortes da realidade; porém, o relato traz em si a potência da reflexão sobre o que foi calado. Testemunhar implica em ativar lembranças e entender a fragilidade do poder de fixação destas em relação à passagem do tempo. Carregadas da falsa impressão da veracidade das lembranças, as narrações se apresentam em permanente estado de alteração, pois o tempo coloca a memória em movimento, modificando-as a cada novo relato. Uma das possibilidades de ativar o passado é a produção artística em seu formato documental, pois trabalha a dificuldade do testemunho, interrogando o vazio, o silêncio e a lacuna, sendo estes índices de realidade. Para construir documentários, é preciso desvendar testemunhos e arquivos, reencontrar os pontos de conexão da memória com a realidade e tecer relações.

Palavras-chave: TESTEMUNHO; MEMÓRIA; TEMPO; DOCUMENTÁRIO.

**ABSTRACT:** This article discusses the power of the documental memory based on testimonies. The possibility of witnessing is the only way to make events that could not be seen alive. The witness narrates from fragments of reality, but the story carries the power of reflection on what has been silent. Witnessing implies activating memories and understanding the fragility of those holding power in relation to the passage of time. Charged with wrong assumptions of the truth of the memories, the stories are presented in a permanent state of change, for time puts the memory in motion, modifying it for each new account. One possibility is to activate the past artistic production in its documentary format, because it works the difficulty of testimony, questioning the emptiness, the silence and the void, which are indexes of reality. To make documentaries, you must unravel testimonies and archives, rediscover the connection points memory with reality and build relations.

Keywords: TESTIMONY; MEMORY; TIME; DOCUMENTARY.

### Introdução

Dar um testemunho se refere diretamente a narrar acontecimentos verídicos do passado, vividos ou presenciados por aquele que se propõe a

falar. A testemunha narra, a partir de lembranças, de recortes da realidade, o que é possível dizer. O testemunho, porém, traz em si a potência da reflexão sobre o indizível, sobre as vozes aparentemente ocultadas e silenciadas. Mesmo se referindo a uma situação real, ele transita entre o que é possível dizer e o que diz de fato. Testemunhar é um processo que implica uma seleção consciente ou inconsciente daquilo que foi presenciado; é capaz de restituir fragmentos, unir restos, esclarecer, organizar e reconstituir parte da consciência social e histórica.

Cabe destacar como debatedor sobre as questões do testemunho o filósofo Italiano Giorgio Agamben. Em seu livro *O que resta de Auschwitz*, Agamben coloca que o testemunho é a lacuna, é sempre o que não está presente, é o próprio resto. Para ele, o verdadeiro testemunho é o daquele que não sobreviveu aos campos de concentração para testemunhar, chegou ao fim de fato sem poder falar. Os sobreviventes que testemunharam, o fizeram somente pela impossibilidade de a verdadeira testemunha dar seu relato. As testemunhas são:

[...] uma minoria anômala [...], que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocaram o fundo. Quem o fez [...] não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção (LEVI, 2004 apud AGAMBEN, 2008, p. 43).

Após um trauma, a mente, repleta de lembranças que não se apagam, resiste por meio da memória, investigando restos e maneiras de estas lembranças serem revistas, remontadas, reavaliadas dentro de suas singularidades. A dimensão da experiência é o que normalmente se perde durante o relato. Mesmo assim, ainda o que mais se aproxima da dimensão real são os testemunhos dados pelos sobreviventes.

O testemunho é uma realidade que foge, em grande parte, do controle de quem fala, pois está continuamente sujeito às interferências da temporalidade e da condição psíquica. No entanto, o ato de relatar é também uma forma de trazer de volta a experiência, de fazer viver, com a possibilidade de realocá-la; é também uma maneira de homenagear a memória dos que não sobreviveram.

O testemunho, em sua condição de narrador impossibilitado de narrar depois de um trauma, questiona o enunciado gerado e deixa no ar um espaço vazio. A pessoa que narra está sempre em estado de suspensão, pois se encontra impedida de expressar integralmente sua experiência. Para Agamben (2008, p. 147), “o testemunho é uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer, é uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar”.

Se o verdadeiro testemunho é indizível, o que é falado é somente o que é possível, e não o essencial. Pode-se dizer que o essencial não foi falado nem arquivado, não se encontra em lugar nenhum; o que se encontra arquivado são, portanto, fragmentos, restos e lacunas, onde o essencial pode estar sempre escondido.

Segundo Agamben (2008, p. 42): “o testemunho traz uma lacuna e sobre isto os sobreviventes concordam”. “A lacuna que aprofunda a fissura é a do querer-dizer e não-poder-dizer, do gesto que deixa de comunicar e expõe a própria impotência.” (GREINER, 2010 p.57).

O testemunho é uma forma de documentar acontecimentos, uma forma de construir a história; porém, a memória documental pode ser também um dispositivo político de poder, pois seleciona aqueles que merecem permanecer na memória pública. Aqueles que *não são dignos* de serem documentados, pelos interesses políticos, correm o risco de serem apagados definitivamente. Desta forma, a história é construída e ao mesmo tempo deformada, pois preserva documentos e arquivos selecionados, fragmentados e repletos de vazios, preserva aquilo que é do interesse político, apagando os rastros dos *não eleitos*. É preciso compreender que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi” (BENJAMIN, 1985, p. 224).

Vale incluir aqui as palavras do filósofo político Vladimir Safatle (2010), em que ele coloca que “se há algo que a história nos ensina é: os mortos nunca se calam. Aqueles cujos nomes o poder procurou anular sempre voltam com a força irreduzível dos espectros.” E afirma, ainda:

Por mais que todos procurem se livrar dos mortos, matando-os uma segunda vez, matando-os com esta morte simbólica que consiste em dizer que a morte deles foi em vão [...], que não

merecem ser objetos de memória coletiva, os corpos retornam. (SAFATLE, 2010).

O discurso testemunhal parte sempre da relação com um passado que é revisitado; pode ser manipulado e investido de maior ou menor ênfase em determinado detalhe, dependendo da intenção e do objetivo da fala. Sendo um relato, nunca se trata de uma situação em sua origem; porém, existe a chance de reconstituir partes do passado e finalmente encontrar uma direção para o presente e para o futuro.

A história é construída de memória, da confluência de vários eixos temporais, baseada em documentos e testemunhos sobre os próprios fatos. Uma vez que já entendemos o testemunho como algo repleto de lacunas, torna-se importante olhar o jogo dialético que se instaura entre história e testemunho, e não aceitar um fato testemunhado como aplicação definitiva para a construção da história. Sabemos que a fidelidade da lembrança não está diretamente ligada à veracidade dos acontecimentos, e que a memória não está isenta de ser alterada pelas emoções, crenças, por razões políticas ou ideológicas, pela visão do outro, ou mesmo pela própria imaginação.

A possibilidade de testemunhar é a única forma de fazer viver, de trazer ao mundo acontecimentos que muitas vezes não puderam ser vistos, de transmitir fatos que não puderam ser relatados nem lembrados. O testemunho está diretamente ligado à necessidade psicológica que o sobrevivente tem de fazer algo em favor da memória daqueles que não sobreviveram. Imerso no trauma, ele funciona como um catalisador da história, unindo restos de sentimentos, de imagens interiores, de sons que não se apagam, propiciando, desta forma, a ressignificação da experiência por meio da memória. É um trauma que permanece sempre inconcluso, uma situação sem possibilidade de restauro. Primo Levi, já citado, sobrevivente de Auschwitz, diz:

Nós, tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só o nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram: mas tem sido um discurso em nome de terceiros, a narração de coisas vistas de perto, não experimentadas pessoalmente. A demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar a morte. Os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam

testemunhado, porque a sua morte começara antes da morte corporal. Semanas antes de morrer, já haviam perdido a capacidade de observar, recordar, medir e se expressar. Falamos nós, em lugar deles, por delegação. (LEVI, 2004 apud Agambem, 2008, p. 47-48).

Ele pontua seu pensamento, ao mesmo tempo que se alivia, concluindo que “a testemunha poderia se sentir culpada por ter sobrevivido, mas não por ter testemunhado. Eu estou em paz comigo porque testemunhei.” (LEVI, 2004 apud AGAMBEN, 2008, p. 27).

Segundo Vladimir Safatle, todos nós temos consciência do que aconteceu nos campos de concentração:

Auschwitz é o nome do genocídio industrial, programado como se programa uma meta empresarial quantitativa. Ele é o nome do desejo de eliminar o inumerável de um povo com a racionalidade instrumental de um administrador de empresas. (SAFATLE, 2010).

Torna-se importante lembrar a frase trazida pela memória de alguns sobreviventes dos campos de concentração, frase que, segundo estes, não cessava de sair da boca dos carrascos: “Ninguém acreditará que fizemos o que estamos fazendo. Não haverá traços nem memória.” (SAFATLE, 2010).

A incompletude que o testemunho tem em si deixa clara a diluição de fronteiras entre as possíveis verdades. Mesmo assim, a condição do testemunho, enquanto resto, se torna fundamental, mesmo que seja para configurar a impossibilidade de se estabelecer um ponto de encontro entre a realidade e o que está sendo falado.

Segundo Agamben (2008 p.162): “O resto para Auschwitz – as testemunhas – não são nem os mortos, nem os sobreviventes, nem os submersos, nem os salvos, mas o que resta entre eles.”. Dar o testemunho implica na necessidade de materializar algo que é do próprio passado, porém, aquele que narra o que é gravado na memória pode apresentar contextos de uma memória organizada ou não, o que não o impede de se tornar a expressão de um acontecimento. Agamben (2008 p.132) coloca que: “Se não houver articulação entre o ser vivo e a linguagem, se o eu estiver suspenso nessa separação, então sim, poderá ocorrer o testemunho.”.

Torna-se fundamental compreender a importância do possível testemunho de Primo Levi, em sua difícil experiência de ter sobrevivido ao

campo de concentração e, ao mesmo tempo, ter tido que viver trazendo dentro de si as terríveis lembranças desta experiência. Podemos dizer que o seu testemunho, em toda sua impossibilidade de narrar completamente por ter sobrevivido, pode ser uma forma de se libertar de parte da culpa e do peso por estar vivo, significa aliviar-se do peso da memória em vida. Torna-se essencial a transmissão de sua experiência, pois, segundo Agamben (1998, trad. 2012), “a acumulação anônima cresce sobre seu dorso dia após dia, sem que se possa consumi-la ou abrigá-la”.

Nesta hora, verifica-se a potência do testemunho, com a toda sua impotência de dizer, adquirindo existência diante da possibilidade de falar. O modo específico pelo qual um sujeito codifica um acontecimento que de fato “penetra” em sua mente depende do contexto em que o acontecimento foi registrado, e da maneira pela qual esta lembrança se instala em sua memória. O contexto, de forma particular, não só determina o modo de como nos recordamos dos fatos, mas também a emoção que eles produzem. Sendo assim, pode-se dizer que a reconstrução de acontecimentos pela memória coloca questões cognitivas em jogo. Ao testemunhar, acionamos nossos sentimentos e uma seleção de imagens interiores. Mesmo que não seja de forma consciente, o testemunho pode ser entendido como o resultado deste fluxo de imagens mentais ativadas pelos sentidos (audição, visão, toque, fala e olfato), ou até por um simples movimento.

A cada acontecimento, a memória individual se atualiza, e este material subjetivo, carregado de emoções, segue em sua forma singular construindo e estimulando sentimentos ao mesmo tempo que recupera lembranças passadas. Uma vez que “não existe memória sem emoção” (DAMÁSIO, 2010 p.78), a condição destas lembranças está diretamente ligada ao ambiente e ao contexto onde foram produzidas. Pode-se dizer que as emoções regulam, em diferentes graus, a forma como os acontecimentos são guardados no interior de cada um de nós, e que, a construção de subjetividade, por sua vez associada aos sentimentos, organiza estes arquivos interiores, elaborando imagens moldadas pela interferência da emoção. Percebemos que a memória se configura no trânsito de relações e no plano da percepção, onde as imagens e impressões se atualizam ininterruptamente. A

memória é também essencialmente confrontadora, pois implica a ativação de diversas vozes interiores, das vozes narradas, da ausência de voz dos que não podem falar, da voz pública que não se cala e impõe o exercício constante da memória pela indagação por fatos do passado. Durante a elaboração do discurso, é possível buscar na memória detalhes e indícios de algo que não se apresenta visivelmente; ela pode funcionar dando pistas, tecendo conexões de algo próximo, mas que está fora dela.

Embora saibamos da importância das reconstruções, não esperamos que estas busquem reviver a experiência do passado, mas sim afirmar definitivamente sua possibilidade enquanto ativação do passado e gesto político. Revolver a memória implica não só na ativação de fatos, mas entender a fragilidade do poder de fixação em relação à passagem do tempo, uma vez que o tempo é capaz de diluir detalhes, apagar questões aparentemente menores, alterando arquivos e discursos. Então, temos a falsa impressão de fixação das lembranças, “lembramos de um fato central porque esquecemos dos acessórios” (IZQUIERDO, 2010, p. 16).

O tempo coloca a memória em movimento, apresentando a possibilidade de alteração dos testemunhos, e que a natureza seletiva da memória, normalmente, apresenta uma relação desigual de importância, transformando sensações e lembranças em pequenas ou infinitamente grandes. Ao testemunhar, o sujeito seleciona criteriosamente o que deseja falar, escolhe o arquivo que quer trazer como lembrança, e escolhe de forma subjetiva o que vale a pena, ou não, ser lembrado. Ou seja, em nossa memória, “nos esquecemos dos detalhes, mas nos lembramos que foi um momento muito dramático” (IZQUIERDO, 2010).

Concluimos que, mesmo se sabendo que a construção da memória é uma condição, uma necessidade humana, é uma forma de construir a linha do tempo, da vida e, conseqüentemente, da sociedade e da história.

Em certa medida, podemos entender também o objeto de arte como um testemunho, um “documento” capaz de apresentar um relato sensível, de forma singular, inserido no contexto de seu tempo. É capaz de elaborar todo tipo de representação, mesmo não sendo pensado especificamente para esse

fim. Desta forma, torna-se inquestionável a contribuição do objeto de arte, em todas as suas linguagens, para a construção da história.

Cabe, neste contexto, reconhecer o documentário como possibilidade de construção e reconstrução de realidades, pois, mesmo apoiado em fatos reais, ele cria outras realidades misturando documentos, entrevistas e testemunhos. A proposta documental é reencontrar pontos de conexão da memória com a realidade, trabalhando a dificuldade do testemunho e interrogando o vazio que o acompanha. A produção de filmes moldados por uma colagem de referências diversas é capaz de gerar também documentos.

Construir documentários é mexer profundamente com a memória, seus arquivos, seus testemunhos e sentimentos, não só os visíveis, mas também aqueles escondidos e soterrados. É também ativar o sentido e o significado de acontecimentos que não estejam, à primeira vista, entre os principais, é construir mapas sensíveis, visuais e sonoros e, por meio desta construção, ativar partes da memória social e coletiva. É uma forma de rever um passado que invade o presente, apresentando possibilidades de pensar um futuro elaborado a partir da crítica reflexiva e da ativação da memória por arquivos e testemunhos. É uma construção por imagens que gera mapas de ideias no espectador, pois, durante a recordação, a memória não é passiva. Ela se constrói numa ação delimitadora, perceptiva, elaborada por emoções, por relações que ativam sentidos, raciocínios e ideias. A memória remexida e reorganizada pela pesquisa documental ativa potencialidades sociais, políticas; ativar a memória implica reorganizar o pensamento em diferentes tempos e criar uma narrativa; porém, mesmo baseada em fatos, ela não deixa de ser ficcional.

No processo de criação, arquivos e testemunhos são dados coletados que precedem a obra, são elementos de pesquisa capazes de estruturá-la física e conceitualmente. A obra, por sua vez, é um testemunho que vem como desdobramento destas informações, mediadas e traduzidas pelo autor. Pode apresentar em seu projeto a proposta de revisão de valores sociais e políticos passados. A história não se constrói só de fatos históricos, mas também de discursos do mundo vivido e percebido. Pensar documentários pode ser também pensar:

[...] a imagem dialética (com sua essencial função crítica) – imagem de memória e de crítica ao mesmo tempo, imagem de uma novidade radical que reinventa o originário – transforma e inquieta duravelmente os campos discursivos circundantes [...] (DIDI-HUBERMAN, 1998 p. 178).

Segundo Arlindo Machado:

[...] para que esse rastro se torne documento ou testemunho de um lugar ou de uma época, é preciso que alguém o procure, que alguém se interrogue sobre ele. O documento, portanto, assim como o documentário, é alguma coisa que é instituída como tal por sujeitos que se interrogam sobre o mundo. (MACHADO, 2011, p. 8).

É preciso desvendar arquivos e desafiá-los para reencontrar pontos de conexão da memória com a realidade para tecer relações. Restos e testemunhos são verdadeiros índices da realidade a serem interrogados; porém, é preciso também interrogar o vazio, o silêncio e a lacuna.

Uma das possibilidades da produção artística, em seu formato documental, é a de pesquisar e trabalhar a dificuldade do testemunho mediante o esforço de revelar um acontecimento, de montar um quebra-cabeça onde faltam muitas peças. Reunir arquivos, inquirir testemunhos e questioná-los a contrapelo é uma forma de resistir ao apagamento dos rastros, de se dedicar à construção de uma outra realidade, de um novo gesto, mesmo não sendo este capaz de trazer à tona uma verdade integral. A produção contemporânea, na tentativa de mostrar um posicionamento artístico que dê conta da violência sociopolítica surda e sem reverberação, tem a possibilidade de apropriar-se criticamente da violência do apagamento, do soterrar fatos, para com esses elementos criar algo novo. Trata-se de investir na reflexão, ao invés simplesmente de assistir à eterna repetição dos vícios da sociedade em se compatibilizar.

Não cabe dizer que o passado ilumina o presente ou que o presente ilumina o passado. [...] a imagem é a dialética em suspensão. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação do Pretérito com o Agora presente é dialética: não é algo que se desenrola, mas uma imagem fragmentada. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é, não arcaicas) [...] (BENJAMIN apud DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 114).

É fundamental uma produção que reflita sobre as possibilidades de repensar caminhos, no sentido de apresentar propostas para a construção de um cenário novo, e não uma endosse a postura condescendente e servil da sociedade de hoje.

É no diálogo de linguagens, de diferentes tempos históricos, e no intercâmbio de ideias e culturas que se constrói a identidade, e não no “fato de estar aglutinado num grupo – como na sociedade de castas” (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 65).

### Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha.* (Homo sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios.* Tradução de Vinicus Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

\_\_\_\_\_. *Idée de la prose.* Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1998, p. 62-63. Ideia da justiça[1]. Tradução de Murilo Duarte Costa Corrêa, mar. 2012. Disponível em: <<http://murilocorrea.blogspot.com.br/2012/03/esquerda-o-vazio-abaixo-recordacao.html>>. Acesso em: 12 set. 2012.

BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BRUSCO, Ignacio; GOLOMBEK, Diego; STREJILEVICH, Sergio. A Memória. Entrevista com Ivan Izquierdo. *Revista Argentina de Neurociencias*, n. 4, dez.1997 - fev. 1998. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n04/opiniao/izquierdo.htm>>. Acesso em: 12 set. 2012.

Cineastas discutem papel do documentário social. *Portal Aprendiz.* Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/chotropeth.mmp>>. Acesso em: 12 set. 2012.

DAMÁSIO, António. *O Livro da Consciência: A Construção do Cérebro Consciente.* Portugal: Temas e Debates, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha.* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard.* São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GENARO, Ednei de. Educando em Tempos de Memória Digital: a enciclopédia audiovisual Qwiki. In: SIMPÓSIO ABCIBER 2011. *Anais...* Disponível em: <<http://www.simpósio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%201/7.E1/87.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2012.

GOLDMANN, Lucien. *A criação cultural na sociedade moderna*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

GREINER, Christine. *O Corpo em Crise: Novas Pistas e o Curto-Circuito das Representações*. São Paulo: Editora Anablume, 2010.

IZQUIERDO, Iván. *A Arte de Esquecer: Cérebro e Memória*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010. Apresentação disponível em: <<http://vieiralent.com.br/artede esquecer/>>. Acesso em: 12 set. 2012.

LEVI, Primo. *Os Afogados e os Sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LINS, Consuelo; REZENDE, Luiz Augusto; FRANÇA, Andréa. A noção de *documento* e a apropriação de imagens de arquivo no documentário ensaístico contemporâneo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 21, p. 54-67, jun. 2011. Disponível em: <[revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/5597/4598](http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/5597/4598)>. Acesso em: 12 set. 2012.

MACHADO, Arlindo. As Linhas de Força do Vídeo Brasileiro. In: MACHADO, Arlindo (Org.). *Made in Brasil: Três Décadas do Vídeo Brasileiro*. São Paulo: Itaucultural, 2003, p. 29.

\_\_\_\_\_. Novos Territórios do Documentário. *Doc On-line*, n. 11, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.doc.ubi.pt/11/dossier\\_arlindo\\_machado.pdf](http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_arlindo_machado.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2012.

\_\_\_\_\_; VÉLEZ, Marta Lucía. Documentiras e Fricções. *Galáxia* (PUCSP), v. 10, 2006.

MOCARZEL, Evaldo. Palestra proferida na 9ª Conferência Internacional do Documentário, 2009. Disponível em: <<http://www.ctav.gov.br/2009/04/06/9%C2%AA-conferencia-internacional-do-documentario/>>. Acesso em: 12 set. 2012.

O "espírito humano", segundo Antônio Damásio. *Cerebro&Mente*, 2 fev. 2010. Disponível em: <<http://cerebromente.blogspot.com.br/2010/02/o-espírito-humano-segundo-antonio.html>>. Acesso em: 12 set. 2012.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SAFATLE, Vladimir; TELLES, Edson (Org.). *O Que Resta da Ditadura? A Exceção Brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. Trecho publicado em *Trópico: Do Uso da Violência contra o Estado Ilegal*, 2010. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3161,3.shl>>. Acesso em: 15 set. 2012.

SILVEIRA, Dauto da. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, vol. 5, n. 1, ago.-dez. 2008, ISSN 1806-5023. Resenha de: CASANOVA, Pablo Gonzalez. *As Novas Ciências e as humanidades: da academia à política*. São Paulo: Editora Boitempo, 2006. p. 335. Disponível em: <[http://www.emtese.ufsc.br/2008/vol5\\_1art6.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/2008/vol5_1art6.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2012.